



horizontes da comunicação

*experiências, entrevistas e
transcrições na pandemia*

Laura Ferreira Guerra
Ana Javes Luz
Nísia Martins do Rosário
Paula Viegas
(Organizadoras)



IMAGINALIS
EDITORA

Laura Ferreira Guerra
Ana Javes Luz
Nísia Martins do Rosário
Paula Viegas
(Organizadoras)

Horizontes da comunicação: experiências, entrevistas e transcrições na pandemia

1ª edição
Porto Alegre

EDITORA  **IMAGINALIS**

UFRGS
2021

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - CC BY-NC (CC BY-NC-ND). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Editora Imaginalis. O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Editora Imaginalis.

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Ana Maria Lisboa de Mello

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Artur Simões Rozestraten

Universidade de São Paulo, Brasil

Blanca Solares

Universidad Nacional Autónoma de México, México

Corin Braga

Universitatea Babeş-Bolyai, Romênia

Cremilda Medina

Universidade de São Paulo, Brasil

Ionel Buse

Universitatea din Craiova, Romênia

Jean-Jacques Wunenburger

Université de Lyon III, França

Malena Contrera

Universidade Paulista, Brasil

Maria Cecília Sanchez Teixeira

Universidade de São Paulo, Brasil

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial Científico da Editora Imaginalis bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

Direção editorial: Ana Taís Martins

Projeto gráfico: Francisco dos Santos

Diagramação: Laura Ferreira Guerra

Revisão: Autores(as)

Organização: Laura Ferreira Guerra, Ana Javes Luz, Nísia Martins do Rosário e Paula Viegas.

Esta publicação foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECOMIA E COMUNICAÇÃO
BIBLIOTECA

H8119 Horizontes da comunicação : experiências, entrevistas e transcrições na pandemia. / Laura Ferreira Guerra, Ana Javes Luz, Nísia Martins do Rosário, Paula Viegas (Organizadoras). — Porto Alegre : Imaginalis, UFRGS, 2021.
p.

ISBN 978-65-5973-084-1 (pdf)

1. Comunicação. 2. Jornalismo. 3. Fake news. 4. Isolamento social. 5. Pandemia Covid 19 I. Guerra, Laura Ferreira. II. Luz, Ana Javes. III. Rosário, Nísia Martins do. IV. Viegas, Paula.

CDU: 316.77

maio, 2020

A cobertura da pandemia pelos grandes jornais¹

Marcia Benetti
PPGCOM-UFRGS

Eu começo agradecendo o convite do GCCOP [Grupo de Pesquisa em Comunicação Organizacional, Cultura e Relações de Poder], especialmente, ao Rudimar Baldissera e ao Basílio Sartor. É um prazer estar aqui com a Katia Marko para fazer esta discussão que, além de ser fundamental, é interminável.

Antes de qualquer coisa, acho importante a gente colocar o tema da pandemia em contexto. A gente precisa reconhecer a imensa dificuldade de fazer a cobertura de um acontecimento

¹ Texto adaptado da participação no evento on-line **Pandemia na mídia**, organizado pelo Grupo de Pesquisa em Comunicação Organizacional, Cultura e Relações de Poder (GCCOP), no dia 13 de maio de 2020. Disponível em: https://fb.watch/5EMG44w_Sw/.

tão complexo. Eu vejo, em princípio, cinco grandes fatores que tornam o trabalho jornalístico muito difícil.

A primeira dificuldade que a pandemia traz para o jornalismo é a sua temática subjacente, que é a morte. Não é fácil tratar de um temor ancestral. A todo momento, as notícias sobre o coronavírus lembram a nossa mortalidade, nos reduzem, digamos assim, a criaturas que morrem, que não têm nenhum controle sobre isso. Então, não existe nenhuma possibilidade de fazer uma cobertura asséptica porque a realidade desse fenômeno é muito violenta. E a realidade acaba se impondo sempre.

O jornalismo está lidando com a morte, com o luto, com o medo, com o caos, com a incerteza. Esses temas são muito atravessados pelo sensacional, pelo dramático, pelo trágico. Achar o tom para falar disso – retratar as vítimas, entrevistar parentes, montar os memoriais, fazer as pequenas biografias –, achar esse tom é um desafio muito grande para os jornalistas.

A segunda dificuldade é que a gente está lidando com uma coisa absolutamente desconhecida. A própria ciência não tem respostas ou tem apenas respostas parciais. No início era uma doença respiratória, altamente inflamatória. Hoje nós sabemos que é uma doença sistêmica, que ataca diversos órgãos. Hoje nós sabemos que pode haver sequelas permanentes, problemas neurológicos, trombose, fibrose pulmonar, enfim. O que a gente sabia há duas semanas talvez não valha mais hoje. Essa é uma grande dificuldade. A pandemia está acontecendo:

ela vai caminhando e a gente vai caminhando junto com ela. É uma verdade que nós poderíamos chamar de uma verdade processual. Ela vai sendo superada, refeita, corrigida, atualizada. Isso é muito angustiante, tanto para os jornalistas quanto para os leitores.

A terceira dificuldade dessa cobertura, que é crucial para ver que coberturas são mais qualificadas do que outras, é que essa pandemia vai muito além do campo médico, sanitário ou científico. Ela conecta muitos campos, que exigem também um tratamento jornalístico rigoroso e o acesso a boas fontes. É um fenômeno que se desdobra para o campo econômico, para o campo jurídico. Para a segurança pública, quando a gente pensa na violência doméstica e como a doença está se dando dentro das prisões. Para o meio ambiente, com reflexos sobre a poluição, por exemplo. Para o esporte, com o cancelamento de jogos, a suspensão de campeonatos e o adiamento das Olimpíadas. Para o entretenimento, pois de repente os jornalistas começam a ter que cobrir as *lives* dos cantores, as quarentenas das celebridades. Se desdobra para as eleições municipais, que estavam previstas para 2020. Para a tecnologia e também para o campo da ética, quando a gente começa a discutir se deve ou não haver uma fila única de leitos de UTI para hospitais privados e públicos, quando a gente começa a discutir quem deve ter prioridade no protocolo no caso de um respirador. E, claro, especialmente no Brasil a pandemia

está muito relacionado com o campo político. Isso tudo torna a cobertura muito difícil e muito complexa.

O quarto fator que interfere na cobertura é a dificuldade de obter dados confiáveis, tanto pela subnotificação quanto pela dependência que os jornalistas têm de fontes oficiais e que também tem uma série de condicionantes.

E, por fim, não menos importante, aliás crucial, é ver as condições concretas de trabalho dos jornalistas. Equipes reduzidas, profissionais com excesso de pautas, trabalhando sob muita pressão, ganhando mal, sempre sob risco de demissão. Profissionais sendo demitidos em plena pandemia. E, no exercício da profissão, estão expostos ao vírus sempre que vão às ruas, hospitais, UTIs. Além disso, jornalistas vêm sendo agredidos fisicamente e ofendidos pelas pessoas.

Esse conjunto de fatores mostra a complexidade do trabalho jornalístico, o que dificulta qualquer tipo de avaliação que a gente faça sobre a cobertura. A gente vai fazer sempre uma avaliação parcial e também limitada a um momento. Em função da minha pesquisa, que é sobre a empatia no discurso dos leitores, eu costumo acompanhar diariamente os jornais *Folha de S. Paulo*, o *Estadão* e o *Globo*. Então, eu fico um pouco mais à vontade para falar da cobertura feita por esses jornais, que é o que vou tentar fazer aqui.

No geral, nos três primeiros meses da pandemia, até maio de 2020, a cobertura tem sido bastante razoável, com pontos altos e baixos e com algumas lacunas muito importantes. Quando a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou que havia uma pandemia de coronavírus, no dia 11 de março, isso foi muito relevante para nortear certas decisões editoriais. A partir dali, muitos jornais abriram o acesso gratuito para conteúdos relativos ao coronavírus. No Brasil, vários jornais derrubaram o *paywall*, como a *Folha*, o *Estadão* e o *Nexo* – que faz uma cobertura muito boa da pandemia. Essa é uma decisão importante e até louvável, não só porque ela permite que as pessoas efetivamente leiam gratuitamente esse material, mas também porque sinaliza que os veículos consideram este tema como de interesse público. A *Folha*, inclusive, criou uma campanha de assinatura grátis do jornal digital voltada para profissionais da saúde.

Se nós considerarmos que os jornalistas estão produzindo conteúdos importantes para a vida concreta das pessoas, para o enfrentamento da doença, essa decisão editorial de oferecer os conteúdos gratuitamente é relevante, do ponto de vista social, porque há uma potencialidade de replicação desses conteúdos nas redes pessoais desses leitores. Um outro ponto interessante é que vários jornais criaram *newsletters* com boletins diários sobre coronavírus. Eu assino várias, mas gosto especialmente de duas: a do *Washington Post* e a do *Nexo*. Aqui, nós temos uma ação significativa de curadoria da informação e de uma reescrita

que, claro, depende de bons editores porque nada é pior que uma *newsletter* mal escrita.

Mas o fundamental, na minha avaliação, é que todos os grandes jornais entenderam a importância de cobrir a pandemia. Todos criaram editorias específicas ou selos específicos. O *Estadão* e a *Folha* criaram um “ao vivo”, uma espécie de “em tempo real” (claro que não é), de acesso gratuito com as principais notícias sobre a Covid. No início, essas informações ao vivo eram mais frequentes, menos espaçadas, e contemplavam notícias de vários países. Depois elas passaram a ter um intervalo de tempo maior e mais concentradas no Brasil, mas elas continuam lá no alto das páginas dos jornais, pelo menos até agora. E eu até acho que elas devem voltar a ser mais atualizadas, porque nós vamos enfrentar um ritmo muito mais acelerado de contaminação e mortes, infelizmente.

Também é possível ver, em praticamente todos os jornais que eu tenho acompanhado, um forte caráter pedagógico e até mesmo performativo: saiba como lavar as mãos, como higienizar as embalagens, como usar a máscara corretamente, entenda como funciona o leito de UTI. Também criaram seções de perguntas e respostas sobre a doença, o que diz muito sobre a responsabilidade social do jornalismo e também mostra o papel

do jornalismo de serviço. Num cenário de tanta desinformação, o jornalismo de serviço pode ser a porta de contato com pessoas que normalmente estariam muito refratárias à informação jornalística.

Essa proximidade do jornalismo com a vida prática é muito importante – quer dizer, não apenas dizer que o aplicativo da Caixa para receber o auxílio emergencial tem problemas, mas mostrar o que fazer em certas situações. Eu acho que a seção de perguntas e respostas sobre a Covid, que a *Folha* e o *Estadão* têm, é um exemplo desse tipo de jornalismo. Mas é preciso pontuar que ela exige atualização permanente, porque as respostas estão mudando à medida que os estudos científicos avançam. Numa análise geral, tenho visto que muitas perguntas estão lá com respostas desatualizadas. Isso é péssimo. É algo que deveria funcionar e, de repente, por desatualização pode até causar um dano.

Na minha avaliação, o jornalismo de referência ainda tem muita dificuldade de tratar de temas que ele acha que não interessam à classe média e à classe alta. Estou falando especificamente desses três grandes jornais: *Folha*, *Globo* e *Estadão*. Há muitas matérias romantizando a quarentena, como se fosse um período bacana, de reencontro consigo mesmo, a oportunidade de fazer uma pausa na vida corrida, um período em que as pessoas aprendem a cozinhar, preenchem o tempo dançando, como “é lindo” falar com a família por vídeo chamada, como “é inovador”

o ensino à distância. Como se o jornalismo quisesse muito dizer para os seus leitores que está tudo normal, que eles não precisam se preocupar.

Mas a realidade está gritando que não está tudo normal e que nós precisamos, sim, ficar preocupados, porque a morte por Covid é uma morte muito cruel. É uma morte por sufocamento. Se a pessoa morre, os parentes não podem ir ao enterro. A quarentena é difícil. Manter a saúde mental e física é difícil. Acho que o nosso jornalismo ainda tem muita dificuldade em dar a real para os seus leitores. Às vezes, quando dá a real, em seguida já vem uma outra matéria dizendo como cozinhar alguma coisa, meio que dizendo: “olha, está difícil, mas não tão difícil assim”.

O contexto brasileiro é absolutamente único, porque a gente tem um presidente que realmente acredita na tese da imunidade de rebanho. Ele acha que existe um número aceitável de mortes, um número que ele não diz, mas que ele sabe, e que por baixo seria, pelo menos, 2 milhões de brasileiros. Como ele acha que isso é inevitável, então ele está dizendo que não há o que fazer, é o seu famoso “e daí?!”. Isso é absolutamente inédito em termos de liderança ou falta de liderança na pandemia.

Como podemos exigir que os jornais desconsiderem isso? Não podemos. Então, os grandes jornais estão presos em uma armadilha. São reféns das declarações e dos atos do presidente, desse caos que está reinando em Brasília. Às vezes, acho que a cobertura está muito politizada, muito centrada nos

movimentos do Bolsonaro, nas brigas com os ministros, com o Supremo Tribunal Federal, toda essa novela do teste dele de Covid, mas não tem como o jornalismo não associar esses dois fenômenos: a pandemia e os atos do presidente.

Questão de debate

- Prof. Dr. Basílio Sartor (UFRGS): *No processo de informar e tentar explicar o impacto da pandemia, principalmente nos campos mais evidentes do acontecimento, como a saúde, a economia e a política, o jornalismo recorre a fontes que produzem análises, explicações, assim como sugerem medidas e soluções. As fontes oficiais, testemunhais e especializadas têm sido acionadas pela cobertura jornalística da pandemia. Essas fontes, de acordo com o conceito de Stuart Hall, são definidores primários, ou seja, estabelecem parâmetros a partir dos quais o acontecimento será enquadrado e também os termos do debate público sobre o acontecimento. Então, ao escolher determinadas fontes e enquadrar o acontecimento de um determinado modo, o jornalismo contribui para legitimar determinadas perspectivas e define o que é controverso e polêmico ou, ao contrário, o que é consensual e aceitável. Recentemente, a escolha do ex-ministro Osmar Terra, considerado um negacionista na discussão da pandemia, para participar de um debate na Globonews e na CNN foi alvo de um intenso debate nas redes sociais. Alguns criticaram a escolha porque ela legitima uma fonte que, na verdade, não teria autoridade para abordar o assunto*

pela posição negacionista. Enquanto outros defenderam que essa controvérsia existe na esfera pública e, portanto, o jornalismo não poderia ignorá-la. Cito o caso do ex-ministro Osmar Terra, mas a gente poderia pensar também em pautas da economia, da política, entre outras. Como você avalia e analisa essa questão sobre a escolha das fontes na cobertura jornalística das crises sanitária, econômica e política que o país enfrenta? O jornalismo tem errado ou acertado na escolha das fontes e, conseqüentemente, no enquadramento e na produção de sentidos sobre a pandemia?

Marcia Benetti: No geral, o jornalismo tem mais acertado do que errado na seleção das fontes. O jornalismo sempre será dependente das fontes oficiais. O problema é quando os jornalistas se contentam só com os dados oficiais ou quando fornecem esses dados sem contextualização. Então, fazer ressalvas sobre a subnotificação, por exemplo, é muito importante. No caso do coronavírus, algumas fontes oficiais são constantes na cobertura brasileira: a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Ministério da Saúde, as Secretarias estaduais e municipais, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Uma fonte importante, que tem surgido para os jornalistas que estão buscando ir além dos casos confirmados, é o Portal da Transparência, que trabalha com registros de cartórios.

As fontes especializadas têm sido muito acionadas. Isso é fundamental em uma temática como essa. Eu vejo que os jornalistas

estão recorrendo muito às associações científicas, como a Sociedade Brasileira de Infectologia, a Sociedade Brasileira de Cardiologia, a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, aos pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), às universidades. As universidades ganharam espaço importante nessa cobertura jornalística, tanto as universidades estrangeiras, como a Universidade de Oxford, a Universidade de Michigan, a Imperial College London, quanto as brasileiras, a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). São instituições que estão sempre construindo conhecimento e, especialmente nesse momento, produziram material de orientação para jornalistas e para a população, criaram glossários, mapas e aplicativos. Então, eu acho que, no geral, os jornais procuram fontes com informações relevantes e confiáveis.

Quando a gente observa o campo econômico, eu já acho que isso não acontece. Geralmente são fontes péssimas, que revelam o quanto a elite não é civilizada e só confirmam a tragédia de uma sociedade profundamente desigual. Quando um veículo de referência convida, por exemplo, o ex-ministro Osmar Terra para debater ou para assinar um artigo de opinião, esses espaços ganham uma dimensão muito grande porque existe todo um campo de pessoas que só replicam isso com os seus robôs. É um erro muito grande dos jornais não entender a dinâmica dessa

replicação. Às vezes, um espaço pequeno no jornal ganha uma proporção gigantesca.

Sobre as fontes testemunhais, elas são muito importantes para que a cobertura seja mais humanizada. Eu acho que os jornais estão fazendo um esforço de reportar o drama que as pessoas estão vivendo. É sempre difícil falar do sofrimento: quais são os limites do público e do privado? Eu tenho visto matérias importantes sobre a rotina dos médicos e de enfermeiros, dos garis, dos policiais. Há um esforço de muitos jornalistas diferentes de fazer pequenas biografias de pessoas comuns, que não são celebridades. Nunca vai ser suficiente, mas eu tenho visto boas reportagens sobre pessoas reais vivendo dramas reais. *A Folha de S. Paulo* criou uma seção super interessante que traz depoimentos curtos, mas muito contundentes de pessoas que precisam continuar trabalhando. O sepultador, a gerente de banco, o enfermeiro da UTI. No geral, os jornais estão fazendo boas escolhas de fontes.

